



CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

CAROLINE CASSIANO

HIPERATIVIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL I: METODOLOGIAS USADAS PELOS PROFESSORES

**Apucarana
2020**

CAROLINE CASSIANO

**HIPERATIVIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL I:
METODOLOGIAS USADAS PELOS PROFESSORES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Apucarana – FAP, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Ms. Gabriela da Silva Sacchelli.

Apucarana
2020

CAROLINE CASSIANO

**HIPERATIVIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL I:
METODOLOGIAS USADAS PELOS PROFESSORES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Apucarana – FAP, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, com nota final igual a _____, conferida pela Banca Examinadora formada pelos professores:

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof
Faculdade de Apucarana

Prof
Faculdade de Apucarana

Prof
Faculdade de Apucarana

Apucarana, ____ de _____ de 2020.

*Devo inteiramente a Deus o
sucesso deste trabalho. Dedico
esta pesquisa a Ele.*

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais por terem me ajudado dia após dia, pois sem eles eu não teria concluído este trabalho.

À minha colega Bruna Queiroz por toda paciência e ajuda nas dificuldades encontradas.

À minhas amigas Hellen e Natalia por terem me ajudado nos piores momentos e também comemorado todas as vitórias junto a mim.

À minha amiga queridíssima Letícia Chambó, por ter aparecido em meu caminho. Por todos os ensinamentos, companheirismo, pela dedicação e paciência, sem ela não estaria concluindo este trabalho.

À minha orientadora Gabriela da Silva Sacchelli, por me apoiar em todos os momentos, por ter me ajudado e acreditado em mim.

À minha professora querida Marlene Mariotto, que desde o início do curso foi firme comigo, por ajudar nas minhas dificuldades e por ter acreditado no meu potencial.

A todos os professores da FAP, pelos conhecimentos e aprendizagens repassados para mim.

CASSIANO, Caroline. **Hiperatividade no Ensino Fundamental I**. 32p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bibliografia). Graduação em Pedagogia. Faculdade de Apucarana - FAP. Apucarana-PR. 2020.

RESUMO

A presente pesquisa abordará a respeito da hiperatividade em alunos do Ensino Fundamental I. Justifica-se pelo fato de ter um irmão diagnosticado hiperativo, o que despertou meu interesse em estudar o desenvolvimento dos alunos acometidos por esse transtorno em sala, portanto, nesta pesquisa investigamos como ocorre dentro do ambiente escolar dos alunos hiperativos. Para a realização deste estudo foi necessário estudar por meio de obras científicas quais são os métodos usados pelos professores para atuar com crianças no Ensino Fundamental. Tendo em vista a natureza qualitativa descritiva e exploratória, aprofundando nos conceitos da hiperatividade encontrados em diversas leituras, as quais, atualmente, são refeitas continuamente para que ocorra a inclusão escolar. Várias estratégias são utilizadas de modo a possibilitar a aprendizagem de forma igualitária. Foi realizada pesquisas e leituras em livros, artigos, entre outros. Diante dos resultados positivos, conclui-se que na atualidade existem diversas ações que promovem a inclusão escolar, desde políticas governamentais até atividades envolvendo professores, pedagogos e diretores das escolas, pois todos devem estar sempre em constante conhecimento sobre esse caso, para que melhore cada vez mais a aprendizagem dos alunos hiperativos.

Palavras-chaves: Ensino Fundamental I. Hiperatividade. Inclusão Escolar.

CASSIANO, Caroline. **Hyperactivity In Elementary Education I. Methodologies Used By Teachers.** 32p. Work (bibliography). Pedagogy Graduation. FAP – College of Apucarana. Apucarana- PR. 2020.

ABSTRACT

This research will study hyperactivity in elementary school students, due to the fact that I have a brother diagnosed as hyperactive, and, therefore, making me go deeper into this disorder, investigating how it occurs within the school environment. To perform this study, it was necessary to investigate through scientific works which are the methods used by teachers to work with children in elementary school. In view of the qualitative descriptive and exploratory nature, deepening knowledge about concepts of hyperactivity found important principles in several scientific research, in which, currently, curriculums are continually redone so that school inclusion and various strategies can happen so that learning happens in a different way, egalitarian. Research and readings were carried out on books, articles, etc. In view of the positive results, we conclude that currently there are several actions that promote school inclusion, from government policies to activities involving teachers, pedagogues and school principals, as everyone must always be in constant knowledge about this case for happens improvement in learning.

Keywords: Elementary School, Hyperactivity, School Inclusion.

Lista de Siglas

DSM - Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders

DSM - Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais

FAP - Faculdade de Apucarana

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

TDAH – Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. PROBLEMA DE PESQUISA.....	12
3. OBJETIVO.....	12
3.1 Objetivo Geral.....	12
3.2 Objetivos Específicos.....	12
4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
4.1 Definição do Conceito de Hiperatividade.....	13
4.2 Características das Crianças no Ensino Fundamental.....	15
4.3 Metodologias Usadas Pelos Professores.....	17
4.4 Como Ocorre o Encaminhamento para Avaliação Diagnóstica.....	22
4.4.1 A Flexibilização Curricular.....	23
4.4.2 Adaptação de Avaliação.....	25
5. METODOLOGIA.....	29
5.1 Local de Pesquisa.....	29
5.2 Resultado e Discussões.....	29
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
7 REFERÊNCIAS.....	33

1 INTRODUÇÃO

O tema foi escolhido pelo fato de eu ter um irmão diagnosticado com Hiperatividade. Desde a sua infância ele sempre foi muito elétrico, mas muitos diziam que era “normal de toda criança”, no entanto, ele mantinha-se retido nas séries do Ensino Fundamental, no qual seu comportamento dentro da escola, atrapalhava os estudos, pois sendo agitado, não parava na carteira, por exemplo. No entanto, ele já tinha diagnóstico de problema na fala, até que, em certo momento, as suas professoras e a pedagoga da escola em que estudava fez um pedido de intervenção, que veio a ser realizado pela Psicóloga da FAP - Faculdade de Apucarana e, então, o diagnóstico era de Hiperatividade. Resolvi fazer esta pesquisa após passar por diversas situações com ele.

Este estudo sobre Hiperatividade no Ensino Fundamental I tem como objetivo geral conhecer o método usado pelo professor para atuar com crianças hiperativas. Com base nas pesquisas efetuadas no DSM-5 (2013), a Hiperatividade é diagnosticada como um distúrbio iniciado na infância e contínuo durante a vida (p. 32). O transtorno de ordem comportamental é acompanhado de déficit de atenção, por isso a sigla TDAH (Transtorno de Hiperatividade e Déficit de Atenção). O diagnóstico deve ser feito por um órgão competente, portanto, professores que percebem comportamento incomum nos alunos devem encaminhá-los para avaliação com especialistas da área da saúde. Alguns sintomas da Hiperatividade são: agitação, falta de foco, a impossibilidade de fazer apenas uma atividade, seja sozinho ou em grupos, pois a criança necessita estar em constante movimento, seja andando, correndo, mexendo em algo ou falando.

A Hiperatividade é conhecida não somente dentro das escolas, mas também em vários locais sociais.

Transtorno do neurodesenvolvimento definido por níveis prejudiciais de desatenção, desorganização e/ou hiperatividade-impulsividade. Desatenção e desorganização envolvem incapacidade de permanecer em uma tarefa, aparência de não ouvir e perda de materiais em níveis inconsistentes com a idade ou o nível de desenvolvimento. Hiperatividade-impulsividade implicam atividade excessiva, inquietação, incapacidade de permanecer sentado, intromissão em atividades de outros e incapacidade de

aguardar – sintomas que são excessivos para a idade ou o nível de desenvolvimento (DSM-5, 2013, p.32).

A pesquisa é dividida em quatro capítulos e dois subtítulos, o primeiro é relacionado ao conceito de hiperatividade, seus sintomas, quando é iniciada, etc. O segundo tem a finalidade de compreender a hiperatividade e conceituar as características do Ensino Fundamental I, verificar, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), como é a frequência escolar nas grandes regiões do Brasil, quais são suas diferenças e semelhanças, como são os ensinamentos e aprendizagens trabalhados durante o período escolar. No terceiro capítulo estão as metodologias usadas pelos professores. Interessa saber como são as estratégias de ensino e aprendizagem com alunos hiperativos. No quarto capítulo, há relatos de como são coordenados os encaminhamentos dos alunos hiperativos e quem os realiza.

Os dois subcapítulos apresentam, primeiramente, a flexibilização curricular, os direitos dos alunos no geral e daqueles com necessidades especiais. O último discorre sobre a adaptação de avaliação, nesse capítulo, apresenta-se maneiras de avaliar a aprendizagem dos alunos por meio de avaliações e, também, como examinar as capacidades do educando para desenvolver os conteúdos mediados pelos professores.

2. PROBLEMA DE PESQUISA

Verificar o que as pesquisas recentes abordam sobre as propostas de metodologias para professores que trabalham com alunos hiperativos.

3 OBJETIVO

3.1 Objetivo geral

Conhecer o método usado pelo professor no Ensino Fundamental I para atuar com crianças hiperativas.

3.2 Objetivos específicos

- Conhecer o que é a hiperatividade, a fim de saber como ela é diagnosticada e por quem.
- Compreender e conceituar as características da criança no Ensino Fundamental I.
- Pesquisar os métodos utilizados pelos professores no Ensino Fundamental I com crianças hiperativas e a forma com que os professores utilizam adaptações avaliativas com os alunos.
- Com base na fundamentação teórica analisar os dados coletados.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 Hiperatividade

Sabemos que a hiperatividade é identificada como um distúrbio evidenciado na infância, como de agitação, pois a criança não consegue ficar parada, nem realizar apenas um tipo de tarefa, portanto, está em constante movimento e geralmente tem o hábito de falar muito, etc (FACION, 2007). Há fatos que podem ser causadores do distúrbio na primeira infância, de acordo com Facion (2007), decorrentes de lesões pré, peri ou pós-natal no sistema nervoso central, ou, até mesmo por problemas circulatórios, problemas no cérebro, como infecção, inflamação e traumatismos. Em alguns casos a doença pode ser hereditária, advinda de pais alcoólicos e/ou sociopatas.

Segundo Facion (2007):

[...] Como podemos observar, o diagnóstico não é simples. Alguns poderiam dizer que crianças são agitadas, às coisas. No entanto, para que possamos fazê-lo com mais precisão, havemos de nos ater a alguns detalhes. A agitação comum às crianças que estão em fase de explorar o mundo não causa prejuízos aos seus relacionamentos ou desenvolvimentos em geral [...] (FACION 2007, p.87).

Facion (2007) aponta que deve-se estar sempre atento ao desenvolvimento de uma criança, pois é normal uma criança ser agitada na sua infância, até certo momento, no entanto, se persistir depois de certa idade, necessita tomar providências. A grande maioria dos encaminhamentos que descobrem o diagnóstico hiperativo é solicitada pelos professores, pois são os que passam mais tempo com os alunos. A hiperatividade é mais frequente no sexo masculino, segundo alguns médicos (FACION, 2007). O aluno hiperativo tem muita dificuldade em fazer brincadeiras silenciosas ou atividades de lazer, por ser uma criança impaciente e inquieta. Os sintomas citados podem durar da adolescência até a vida adulta, alguns casos da puberdade até juventude. Grande parte ficam com poucos problemas, mas suas famílias geralmente vivem de forma desordenada, de modo que não sabem conviver de maneira correta com filhos hiperativos (FACION, 2007).

Os sinais são visíveis e suficientes para solicitar encaminhamento para psicóloga, no entanto, nem todas as crianças possuem os mesmos

diagnósticos de hiperatividade, há vários tipos do distúrbio. Os exames executados para o diagnóstico são: eletroencefalogramas, ressonância magnética ou tomografias computadorizadas, mas não mostram certamente o diagnóstico (FACION, 2007). Outra questão, são quando casos assim são comprovados, muitos pais não sabem como lidar com os filhos, então, nesse momento, é importante se colocarem no lugar dos seus filhos. (CAMARGO; HOUNIE, 2005).

Facion (2007), enfatizou várias estratégias que facilitam o trabalho do professor em sala de aula:

- Sala de aula organizada, com regras claras, carteiras separadas, com limites e objetivos a serem alcançadas.
- Colocar o aluno perto do professor e, de preferência, longe de alunos que podem tirar sua atenção.
- Elogiar, tirar dúvidas, perguntar se o aluno está entendendo o conteúdo explicado, aceitação e acolhimento pela turma.
- Mudança de ritmo, trabalho em grupos, atividades físicas para os alunos.
- Chamar o aluno para apagar o quadro, favorecendo as atividades em movimento.
- Reuniões diariamente com os pais ou responsáveis pela criança.
- Fazer com que a criança se sinta confortável e segura no ambiente onde convive.

Esses encaminhamentos são indispensáveis para que a sala venha a ser harmonizada e controlada, onde tenha respeito com todos os envolvidos no ambiente escolar, de modo que a inclusão venha a ser uma conexão estabelecida pelos professores e todos os responsáveis pela escola (FACION, 2007).

4.2 Características da criança no Ensino Fundamental I

Segundo a BNCC (2017), as características para o trabalho com a criança nos anos iniciais no Ensino Fundamental são: respeitar as diferenças sociais criando relações e expressando seus sentimentos e emoções. A taxa

de escolarização do Brasil no ano de 2017 foi de 56,4 milhões de pessoas que frequentavam escolas ou creches. Apontando para Ensino Fundamental, com crianças de 6 aos 14 anos, desde 2016, temos 99,2% de pessoas que estavam em processo de escolarização, isto nas grandes regiões do país (PNAD, 2017).

Mourão e Esteves (2013) apontam que o Ensino Fundamental é composto de turmas do 1º ao 5º ano, incluindo alunos a partir dos seis anos de idade até os nove anos. Seu objetivo pressupõe, nas características da faixa etária, as possibilidades de desenvolvimento e de superação de desafios. Neste sentido, há os quatro pilares para a educação ser contínua, são eles: saber, conhecer, viver e aprender. Segundo o portal do MEC, os principais objetivos a serem alcançados são habilidades e capacidades de leitura e escrita (BRASIL, 1997). Portanto, o trabalho em sala de aula com os alunos

busca fortalecer o processo de debate com professores e gestores sobre a infância na educação básica, tendo como focos o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças de seis anos de idade ingressantes no ensino fundamental de nove anos, mas sem perder de vista a abrangência da infância de seis a dez anos de idade nessa etapa de ensino. Nesse documento são desenvolvidos temas como a infância e sua singularidade; a infância na escola e na vida: uma relação fundamental; o brincar como um modo de ser e estar no mundo; as diversas expressões e o desenvolvimento da criança na escola; as crianças de seis anos e as áreas do conhecimento; letramento e alfabetização: pensando a prática pedagógica; a organização do trabalho pedagógico: alfabetização e letramento como eixos organizadores; avaliação e aprendizagem na escola: a prática pedagógica como eixo da reflexão e modalidades organizativas do trabalho pedagógico: uma possibilidade [...] (BRASIL, 1997).

Durante esse processo de ensino, os educadores precisam estar envolvidos com os cuidados das crianças diariamente, assim como dos conteúdos a serem transmitidos (MOURÃO; ESTEVES, 2013). A BNCC é um documento normativo, um conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens fundamentais, no qual todos os alunos precisam desenvolver-se através das modalidades da Educação Básica, regrados em seus direitos de aprendizagem estabelecido no Plano Nacional da Educação - PNE (BRASIL, 2017). De acordo com a BNCC (2017):

Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996)¹, e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN)². (BRASIL, 2017, p.5)

A BNCC (2017) instituiu as seguintes normas e objetivos:

- O foco é a alfabetização, sendo a escrita seu sistema alfabético de modo articulado para desenvolver habilidades de leitura e escrita.
- Autonomia intelectual.
- Compreensão de normal e regras.
- Respeito dos sujeitos entre si, com a natureza, a história, cultura, tecnologia e ambiente.
- Propiciar formação integral, batizada pelos direitos humanos e princípios democráticos.
- Diálogos entre as diferentes culturas presentes na comunidade e na escola.
- Fortalecer o potencial da escola como espaço formador e orientador para a cidadania consciente, crítica e participativa.

As crianças no Ensino Fundamental I adquirem autonomia, também já têm suas obrigações com tarefas e atividades, precisando se adaptar a rotina da escola, já que estão vindo da educação infantil, lugar em que já teria seu cotidiano dividido com horários e atividades:

os conteúdos dos diversos componentes curriculares [...], ao descortinarem às crianças o conhecimento do mundo por meio de novos olhares, lhes oferecem oportunidades de exercitar a leitura e a escrita de um modo mais significativo” (apud BRASIL, 2010).

Os conteúdos trabalhados no Ensino Fundamental são mais rígidos, e então, a partir do momento que a criança passa para esta etapa, ela também

viria a emprestar os materiais para os colegas, ter zelo com suas coisas e também com os dos amigos (BRASIL, 2017).

4.3 Metodologias usadas pelos professores

O que antes era desconhecido passou a ser discutido entre médicos, professores e especialistas, realizaram e continuaram a fazer pesquisas para que a sociedade entenda mais sobre esse transtorno. Para Rohde e Benczik (1999) e Rohde e Mattos (2003), é necessário o conhecimento sobre o assunto, pois somente assim a ajuda a estes alunos será mais eficaz. Então, em primeiro lugar, os professores precisam buscar informações sobre o assunto, porque eles muitas vezes terão que trabalhar com crianças hiperativas. A inclusão escolar é colocada em questão e exige total dedicação do professor, desde cuidados, até fazer uma pesquisa sobre a dificuldade a qual o aluno foi diagnosticado (ROHDE; MATTOS, 2003).

Os professores sempre terão alunos que não deverão ser tratados de maneira igual aos outros, mas sim de modo que o aluno se sinta confortável e confiante, mesmo com dificuldade. É importante também que os educadores possam ter discussões com vários outros que passam pela mesma situação diariamente, para que troquem ideias de como lidar com esses alunos (ROHDE; MATTOS 2003). Nesse sentido

[...] o mais importante é levar o corpo docente das escolas à capacidade de agir e pensar num processo contínuo de reflexão da própria prática docente, como fator determinante para uma ação pedagógica mais consciente, crítica, competente e transformadora. (SILVA; DIAS, apud Libanêo; Giovanni, 2003.p.130).

Para Meller (2003) os professores precisam sempre estar em constante estudo de estratégias metodológicas sobre o assunto, buscando materiais e vários conteúdos para que haja uma facilidade em trabalhar com os diversos alunos, a fim de que todos venha ter uma aprendizagem igualitária. Um dos recursos que a escola tem para discussão é o Conselho de Classe. Nesse momento discute-se especificamente sobre cada aluno, suas dificuldades e qualidades. É importante discutir também as principais características dos alunos, dessa maneira os educadores podem estar

trazendo para a mesa meios para lidar com os alunos hiperativos. (MELLER, 2003). Observa-se que,

na sociedade escolar, mais especificamente no nosso sistema educacional, seja certo ou errado, valoriza-se muito a criança que na sala de aula, obedece, escuta, presta atenção, permanece sentada, planeja, organiza-se, enfim, correspondem aos objetivos traçados pela instituição e pelo professor (MELLER, 2003).

De acordo com Rohde e Mattos (2003), muitos pais imaginam que existe uma escola especializada para alunos hiperativos, porém não é comum. O atual método é a inclusão em escolas regulares, considerando que as crianças com TDAH precisam conviver com outras crianças da mesma idade, aprendendo a lidar com regras e limites. É necessário destacar que o pedagogo também precisa mudar sua rotina pedagógica para trabalhar com esses alunos. Os professores geralmente formam um plano de ensino para todos, com metas e objetivos a serem alcançados durante o ano e o trimestre, mas quando chega um aluno hiperativo em sala, muitas vezes esse plano precisa ser alterado, pelo fato de um aluno não hiperativo ter mais facilidade, pois a Hiperatividade demanda atenção para que o conteúdo venha ser aprendido pelo aluno, por isso a necessidade da dedicação do professor (ROHDE; MATTOS, 2003)

De acordo com Carvalho (2005), não basta integrar, é preciso incluir o aluno na classe para que a aprendizagem aconteça, uma vez que a integração deve andar junto com a inclusão, um completando o outro, de modo que o aluno não venha a se sentir excluído por ser hiperativo, pois ele, em muitas vezes, não sabe o que está acontecendo. Rodhe e Mattos (2003) apontam que, a partir do momento em que o aluno é matriculado na escola os pais precisam ter um relacionamento frequente com o ambiente, para saber como desenvolve a aprendizagem de seu filho, se está adaptando com a escola e com o restante da turma, ou seja, tendo dedicação com seu filho, para saber o que ocorre com ele durante seu período escolar.

Rohde e Mattos (2003) destacam que “as crianças com TDAH em ensino regular correm risco de fracasso duas a três vezes maior do que crianças sem dificuldades escolares” (p. 201). Existem vários casos de alunos

que não conseguem dar continuidade nas séries por conta da hiperatividade, pois não conseguem estudar adequadamente, não obtendo o conhecimento “padrão” que a escola espera. Uma das dificuldades mais encontradas é a falta de dedicação, e não só do aluno, como também a falta de informação na formação do professor (MITTLER, 2003). O aluno não consegue ficar atento somente naquilo que está estudando, ocorre então que a atenção da criança fica voltada também em jogos e coisas que fazem seu tempo passar. Para eles a rotina de estudar acaba sendo chata, tendo que ficar sentado em uma cadeira quatro horas, prestando atenção naquilo que o professor fala (MITTLER, 2003). No entanto, aponta-se também que

algumas escolas são bem equipadas para a jornada; outros considerarão que a bagagem que eles levam é inadequada e pode ser adaptada ou mesmo descartada. Cada escola encontrará obstáculos diferentes no caminho, porém todas elas acharão que as barreiras mais difíceis emergem de dúvidas bastantes arraigadas, mas não necessariamente expressas sobre se essa jornada de fato é válida (MITTLER, 2003).

O jogo, citado por Barros (2002), é uma prática que antes era considerada dispensável e insignificante para o aprendizado da criança, mas agora ganha destaque em livros e seminários. Com a divulgação, está sendo utilizado como prática pedagógica, pois algumas crianças tem facilidade em aprender mais através de jogos que em atividades escritas. Vale também ressaltar de que maneira o aluno gostaria de aprender, saindo do comodismo de achar apenas uma maneira certa de ensinar. Nos dias atuais não é apenas o professor que aplica conteúdo e ensina, um aprende com o outro em sala, criando um relacionamento saudável entre professor e aluno (BARROS, 2002).

Crianças hiperativas, geralmente, adoram as aulas de educação física pois se sentem livres para correr, brincar e jogar bola, o corpo está em constante movimento, seja correndo ou andando. (MELLER, 2003) Outra questão a ser analisada, segundo Meller (2003), é que a criança deve sentar perto do professor, facilitando seu relacionamento com o mesmo. O educando vai saber os dias que ele vai estar mais calmo e menos agitado, tendo também a facilidade de deixar o aluno ir ao banheiro, dar uma volta pela escola e pedir

para que busque algo na secretaria com o intuito de se distrair saindo da rotina. É importante, pensar que, segundo Barkley (2002),

enquanto não estivermos seguros sobre o quão negativamente as relações professor-criança afetam a adaptação da criança com TDAH a longo prazo, as experiências mostram que elas certamente podem piorar suas já tão pobres conquistas sociais e acadêmicas, reduzindo sua motivação para aprender e praticar na escola e diminuindo sua auto-estima (apud Meller, 2003, p. 50).

Caso o professor não saiba lidar com a criança hiperativa, cria-se, sem perceber, uma barreira que dificulta a aprendizagem do aluno, regredindo ou não havendo aquisição em seu estudo, precisa-se ter conhecimento e dedicação, portanto, é necessário principalmente a paciência em querer educar a criança (MELLER, 2003). Os pais quando percebem que o filho não está tendo o ensinamento na escola de forma adequada, precisam mudar de escola até que encontre os professores e educadores que tenham essa motivação em querer educar seu filho (MITTLER, 2003). A intervenção escolar é fundamental na vida da criança hiperativa, pois a escola precisa ser um lugar estruturado e adequado para suas necessidades, o professor deve ter um esclarecimento de como trabalhar com essa criança, elaborando em si um projeto pedagógico sobre (MITTLER, 2003).

Segundo Vygotsky (1991, p. 114), a importância do brincar para os processos de aprendizagem e desenvolvimento da criança se faz necessário, pois por meio desse ato que a criança reproduz experimentações e vivências que percebe do mundo exterior, e, ainda, pode relacionar-se com outras crianças. (Apud Graciano, 2008, p. 8-9). Para Mittler (2003) o ato de brincar é de suma importância no desenvolvimento e aprendizado da criança. Muitas vezes a sala tem receio de se relacionar com o aluno hiperativo, mas é importante estimular as crianças através de brincadeiras, entre outras atividades que o professor pode estar estabelecendo, para que haja uma interação saudável. Por entre disso há uma quebra de barreira, que muitas vezes os alunos tem quando se deparam com a chegada do colega hiperativo, pois pode dar “trabalho” para a professora, muitas vezes até causando desordem na sala (MITTLER 2003).

Os professores precisam sempre estar em constante conhecimento no assunto da Hiperatividade, continuamente buscando conteúdos e materiais para que haja facilidade para trabalhar com os diversos alunos (MITTLER, 2003). Alguns educadores possuem formações especiais, nos colégios também há salas específicas, mas os conteúdos não são os mesmos trabalhados em sala de aula, é exigido que seja trabalhado apenas o conteúdo que o professor encontra maior dificuldade em trabalhar com o aluno (MITTLER, 2003). É importante apontar que

uma forma de apoio vem de estruturas que permitem aos professores apoiarem-se mutuamente. Isto é um acréscimo às fontes informais de apoio de professores desenvolvem sempre quem têm uma oportunidade para discutir problemas, mesmo que brevemente. Não há um conjunto de padrões preferidos, mas a característica comum dos relatos publicados é que um grupo pequeno de professores encontra-se com regularidade para discutir a respeito de uma criança em particular ou, mais comumente, uma preocupação mais geral relativa às barreiras para a aprendizagem e para a participação dos grupos de alunos.” (MITTLER, 2003, p.12)

De acordo com o estudo realizado, podemos observar como a Hiperatividade tem sido um tema questionado e discutido pelos professores do Ensino Fundamental. Destacamos vários conceitos que o professor pode colocar em prática dentro da sala de aula para que venha melhorar seu ensinamento.

4.4 COMO OCORRE O ENCAMINHAMENTO PARA AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

Os diagnósticos de hiperatividade só podem ser realizados por profissionais da saúde específicos, como psicopedagogos, neuropediatras e psicólogos. A realização do encaminhamento é feito após os profissionais observarem e concluir que existe sintomas do transtorno, com base nos elementos citados nos capítulos anteriores (CORDEIRO, 2016 apud RODHE et al. 2000). Essa intervenção na vida do aluno exige cautela e total dedicação, é necessário rever todo resultado e informação coletado para que não ocorra erros de ordem clínica que possa vir a complicar o cotidiano do aluno. Para Frances (2013) é normal a criança ser agitada, porém o DSM-V insiste em

colocar que não é normal, aumentando sintomas. (Apud, CORDEIRO, 2016, P.30)

Assim que os diagnósticos são realizados, as mães e pedagogas e sentem “alívio”, pois relatam o motivo da criança ser agitada e também não obedecer o que é imposto para ela, seja na escola ou em casa. A Hiperatividade não tem cura e sim tratamento através de remédios receitados pelos médicos e terapia. No entanto, isto não pode ser passado para a criança, segundo Brozowski e Caponi (2009) pois pode ser prejudicial para ela, visto que é uma forma de impedi-la de ter limites e obedecer regras.

Para Cordeiro e Yaegashi (2014) as escolas devem se preocupar sobre a aprendizagem do aluno, pois alguns sintomas irão ser abrangidos durante as atividades escolares, quando encontram dificuldades para realizá-las (apud, CORDEIRO, 2016, p.35). Segundo Frances (2013) assim, que é feito o diagnóstico por um profissional da área, o tratamento exige psicoterapia estrutural e organizadora para a criança, envolvendo a família, medicação se necessário e várias informações do que é Hiperatividade (apud, CORDEIRO, 2016, p.109).

4.4.1 A flexibilização curricular

Segundo Oldoni e Watzlawick (2014) o currículo escolar deve ser visto como propósito, pois a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais necessita de adequações curriculares com o objetivo de as necessidades serem atendidas pela escola. Para Oliveira (2008), o termo inclusão inclui diversas diferenças entre humanos e a vida em sociedade, e também a diversidade. (apud, LOPES, 2008, p. 7) De acordo com Garcia (2007) é “necessário a organização e o funcionamento da escola para atender a demanda de alunos” (p.587) (apud, OLDONI; WATZLAWICK 2014 p. 3) As flexibilizações curriculares devem ser analisadas por professores e equipe pedagógica, tornando possível distinguir quais as mudanças serão necessárias no currículo para melhoria dos mesmos.

O suporte educacional dos alunos é variado quando se trata de alunos atendidos pela educação especial, de acordo com o Projeto Político Pedagógico. O currículo não precisa ser refeito novamente, mas sim realizar flexibilizações para que ocorra o compartilhamento dos conteúdos. Essas

mudanças acontecem para que o currículo venha se tornar mais acessível (OLDONI; WATZLAWICK, 2014). Os objetivos dos professores seriam estabelecer estratégias e metodologias educacionais para melhoramento do processo educativo.

No século XX os alunos com necessidades especiais eram considerados “inferiores”, o currículo era voltado para a rotina, ficando de lado o conteúdo, as crianças eram indesejadas na sala de aula regulares. Com a quantidade de alunos deu-se prioridade para as classes especiais por volta de 1950 a 1960 nas escolas públicas (OLDONI; WATZLAWICK, 2014). Para que essas mudanças venham a ser colocadas em práticas necessita-se da colaborações de todos: pais, colegas, especialistas e técnicos, afim de melhorar a adaptação dos conteúdos. Nesse sentido pra Stainback

o currículo apresentado a todos os alunos deve desafia-los a aprimorar ao máximo as suas habilidades e a superar as realizações anteriores, com apoio e adaptações necessárias. (apud OLDONI; WATZLAWICK 2014 p.7)

De acordo com Gimeno; Sacristan (2000) Indispensável a análise das seguintes reflexões no currículo: os objetivos a serem alcançados, ensinados; para quem ensinar; quais os objetivos; quem tem o melhor acesso aos conhecimentos; quais recursos/materiais metodológicos; como saber se irá obter sucesso ou não; possibilidades de modificar a prática escolar em relação aos temas (apud OLDONI; WATZLAWICK 2014 p.9).

O currículo é um conjunto de experiências, vivências e atividades realizadas no ambiente escolar com intuito de alcançar os objetivos correspondente à educação. Os processos podem ser desenvolvidos de maneira interdisciplinar, acontecendo de forma natural e facilitada. São pequenas alterações no currículo regular que facilitam a aprendizagem dos alunos especiais. Para Oldoni e Watzlawick (2014) as escolas devem ter atendimento igualitário no conceito de aprendizagem, desde de alunos “normais” até especiais, visto que a exclusão social é forte por causa das diferenças, sejam elas culturais ou sociais.

As dificuldades encontradas para a garantia de uma educação de qualidade envolve o Estado, comunidade, escola e também os processos educativos. O objetivo da flexibilização curricular é envolvimento de todos os

alunos em todos os níveis e modalidades de ensino e em todas as séries (OLDONI; WATZLAWICK, 2014).

4.4.2 Adaptação de Avaliação

Segundo Luckesi (2005), a avaliação consiste em um processo de construção da aprendizagem, com a finalidade de obter eficientes resultados. Esse processo deve ter um planejamento, que é elaborado já pressupondo um caminho a ser seguido, até chegar nos resultados esperados. E é aí que a avaliação entra como uma aliada, pois é a partir dela que se pode observar os resultados do percurso escolhido, adotando mudanças e melhorias nas ações de ensino-aprendizagem. Seja qual for a atividade avaliativa, o objetivo final estabelecido é o ensino-aprendizagem, pois isso é a base de toda programação curricular. Em certos casos bastará alterar as atividades ou a avaliação, ou melhor, a complexidade ou o método, sendo preciso apenas remodelar conteúdos necessários (apud, LIMA, 2008, p.16).

Um exemplo simples é agir com cautela na análise do aluno especial que levará mais tempo para realizar a avaliação, facilitando sua organização para executar as atividades de certos conteúdos no qual os alunos podem apresentar maiores dificuldades. Nesse sentido

enquanto o planejamento traça previamente os caminhos, a avaliação subsidia os redirecionamentos que venham se fazer necessários no percurso de ação. A avaliação é um ato de investigar a qualidade dos resultados intermediários ou finais de ação, subsidiando sempre sua melhora (apud LIMA, 2008, p. 17).

Para Luckesi (2005) a escola é a instituição que mais trabalha a concepção avaliativa. Por exemplo, estudamos os alunos na leitura, nas produções escritas, nos textos de verificação das aprendizagens, na oralidade, na organização do material didático e nos comportamentos éticos e cidadãos. Do mesmo modo, no contexto escolar que a avaliação assume (ou deveria) seu caráter sistematizador e flexível na produção dos múltiplos saberes. A missão da escola é avaliar todos os alunos que se deparam nos contextos de aprendizagem, adaptando-se aos instrumentos, de maneira que melhor acolhem às suas carências pedagógicas. Assim, com o método do processo avaliativo no ambiente sistematizador da escola, é maior a probabilidade de projetar novas metas a serem atingidas tanto pelos

educadores quanto pelos alunos, no entanto, a aprendizagem é fundamentada a partir da dialogia epistêmico-interventiva (apud LIMA, 2008, p. 17).

Sousa (2017) diz que o papel do professor na avaliação contextual da Educação Inclusiva excede a noção de investigador do conhecimento. Pensar nas atitudes docentes significa projetar metas a serem alcançadas e estabelecer um projeto de referência no ensino, através do uso de metodologias ativas de aprendizagem em que se dará respeito ao ser humano. Indica-se a possibilidade de avaliar as condições de melhoria referente aos alunos com deficiência, comprovando a importância e a possibilidade de um método avaliativo que forneça princípios para um planejamento pedagógico diretivo que arque com às necessidades e possibilidades de cada aluno (CAMPOS; OLIVEIRA, 2005).

Em sua obra, Hoffmann (2013) apresenta métodos de avaliar o aluno, um em específico que desperta grande interesse: manter o aluno para observar seu desenvolvimento através de avaliações e atividades avaliativas, percebendo em pequenos detalhes procedimentos que o próprio aluno utiliza, o modo contínuo para se organizar e realizar tarefas, facilitando para o professor o ato de planejar um trajeto de aprendizagem para o aluno. (apud CINIELLO, 2016 p.34)

De acordo Rocha (2014) A avaliação integra-se no processo didático de ensino e aprendizagem, por isso não deve ser deixada somente nas etapas finais do processo. Ela deve-se exceder, mas permanece em suceder o trabalho pedagógico (OLDONI; WATZLAWICK, 2014). Avaliar é analisar a capacidade de cada aluno ao realizar atividades por si próprio, como elabora sua compreensão e desenvolve no âmbito das aprendizagens. As ferramentas usadas como estratégias de ensino são vista através de dois diferentes olhares: o do professor que nomeia os saberes realizando-os com autonomia; e dos alunos que apresentam as lacunas de aprendizagem que necessitam para se tornarem aptos perante aos desafios de adquirir, compreender e complementar durante as fases de novos conhecimentos científicos (SOUSA, 2017).

Para Freitas (1995), o professor ao analisar os alunos e suas avaliações, tomam atitudes contrárias do esperado, onde o professor pratica

um forte julgamento com os educandos, fazendo comparações, supondo que um seja mais esperto que o outro, as vezes realizando de maneira pública em sala de aula, o que afeta a autoimagem do aluno, pois gera rótulos e cria modelos. O método que o professor realiza para avaliar o aluno e entender como está o desenvolvimento da aprendizagem não deve ser um processo de penalizá-lo, como também não se fortalece na acumulação dos conteúdos. Avaliar é entender como as práticas de ensino se realizam, momento em que o professor repensa estratégias e toma decisões capazes de possibilitar a aprendizagem de todos os sujeitos (SOUSA, 2017).

Os períodos de avaliações são momentos de angústia para todos os alunos, nesse sentido, deve-se tomar atitudes que tranquilize-os. Sua metodologia deve ser trabalhada de maneira individual para os alunos com hiperatividade (CINIELLO, 2016). As avaliações orais são as mais indicadas, com perguntas curtas e respostas diretas, nas avaliações descritivas o aluno estuda gravando na memória as perguntas e as respostas conforme foi passado os conteúdos. É preferencial que as avaliações sejam sempre nas primeiras aulas, pois os alunos chegam calmos. Caso haja distração dos alunos o professor precisa estar próximo e animá-los para que terminem a prova. Facilita muito diminuir as perguntas longas e ter, preferencialmente, perguntas de múltiplas escolhas, com três alternativas, verdadeiro ou falso e complete as lacunas. Especificar as linhas de respostas que o exercício está pedindo para que não haja o erro de penalizar o aluno por responder no lugar incorreto. Além de receber as provas individualmente, pois caso alguém não termine, que motive-o a terminá-la (CINIELLO, 2016).

5. METODOLOGIA

Segundo Gil (2002), a metodologia é a parte da pesquisa em que apresentará informações e aspectos que a compõe. Os resultados foram trabalhados de maneira qualitativa, com natureza descritiva, apresentando os problemas e soluções e, também, exploratória, com o objetivo de descobrir os caminhos sobre a hiperatividade. As leituras foram feitas conforme indicado pela minha orientadora, de forma a encontrar documentos voltados para o assunto hiperatividade. Foram feitas diversas análises para que viessem resultar em ideias e conclusões. A fonte ocorreu de forma secundária, através

de artigos, teses, revistas, sites governamentais, do Manual de Diagnóstico Eletrônico, livros, monografias, ou seja, diversas leituras e reflexões.

A coleta de dados foi baseada segundo os fundamentos dos diversos autores: Facion (2017), Mourão e Esteves (2013), Rodhe e Mattos (2003), Rodhe e Benczick (1999), Meller (2003) e Mittler (2003). Todos tiveram grande importância, pois através deles que se fundamentou cada parágrafo desta pesquisa.

5.1 Local de pesquisa

Foi realizada por meio de pesquisa em revistas, artigos, teses, livros, sites governamentais, monografia e do Manual de Diagnóstico Eletrônico.

5.2 Resultados e discussões

Os resultados foram positivos, pois vimos que a inclusão escolar é algo que os professores fazem com que aconteça dia após dia. Os educadores estão desenvolvendo relacionamentos juntamente ao seus alunos e sempre estão procurando melhorar seus ensinamentos para que todos obtenham aprendizagem de forma igualitária. Nesse sentido, opta-se que o aluno sente perto do professor, para que quando precise de algo o aluno possa buscar, para que saia um pouco da rotina de ficar sentado realizando as atividades. Para a inclusão do alunos com dificuldade de aprendizagem é necessário métodos de estudo, referente à hiperatividade. Uma das metodologias que os professores podem utilizar é o jogo que é sugerido por Barros (2002), saindo do cotidiano, com o objetivo de aprender de outras maneiras. Além da modificação do currículo “padronizado”, os responsáveis pela instituição buscam elaborar um currículo que compreenda as necessidades do estudante.

Observamos que muitos pais não sabem lidar quando o filho é diagnosticado, que grande parte das famílias são turbulentas. Percebemos também que quando os responsáveis encontram dificuldades na aprendizagem do filho necessitam de mudança de escola, até que encontrem algo adequado, que tenham profissionais que estejam dispostos a

acompanhar o seu filho. Outra questão que descobrimos é que a criança hiperativa prefere a educação física, onde vai estar em constante movimento com o seu corpo. Segundo Vygotsky (1999) brincar é muito importante, pois o aluno se relaciona com os outros - cria relações, retirando muitas vezes aquele olhar de constrangimento do aluno hiperativo, por ele ser diferente.

Vimos que o encaminhamento é realizado pelo professor que pede uma avaliação diagnóstica e quem realiza são psicólogos, psiquiatras e neurologistas. Assim que o diagnóstico é realizado os responsáveis e pedagogos se sentem aliviados, pois agora sabem como trabalhar com os alunos. Foi descoberto que a hiperatividade não tem cura e sim tratamento com remédios e acompanhamentos neurológicos com o propósito de ajudar a criança no seus afazeres, tanto escolar quanto em casa. A adaptação curricular acontece de forma remodelada para os alunos que tem dificuldades em certos conteúdos, as provas mais indicadas, segundo Ciniello (2016), são as orais, com perguntas diretas para que o aluno tenha um rápido raciocínio e argumentação.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo o processo de pesquisa sobre Hiperatividade no Ensino Fundamental I pudemos considerar uma sequência de dados satisfatória. Essa pesquisa abordou desde como funcionam os métodos usados por professores com alunos que não possuem o Transtorno de Hiperatividade e quais as adaptações feitas àqueles que possuem, seguiu seu caminho esclarecendo os conceitos necessários, abordou as características apresentadas por alunos com Transtorno de Hiperatividade e discorreu sobre a relevância de haver um método especial para esses casos específicos.

A Hiperatividade é causada por um distúrbio na primeira infância com lesões no sistema nervoso central, pré, peri e pós natal ou também por problemas circulatórios e físicos no cérebro como infecção, inflamação e traumatismo, podendo até mesmo ser hereditária ou advinda de pais alcoólicos e/ou sociopatas. Esse transtorno pode ser observado pelas características da criança, como agitação, nenhum controle sobre a concentração, hábito de falar muito e pode durar da adolescência até a vida adulta.

No decorrer do período escolar é o professor juntamente ao pedagogo ou orientador que são capazes de observar os comportamentos do aluno hiperativo, no entanto, são os profissionais da saúde os capacitados para fazer o diagnóstico, são eles psicopedagogos, neuropediatras e psicólogos. Para casos assim, os professores primeiramente reformulam o currículo, adaptando-o aos alunos diagnosticados. Em seguida, começam as pesquisas sobre o transtorno, para saber como trabalhar os conteúdos e a aprendizagem dos alunos. O método de inclusão escolar estabelece regras e limites igualitários.

Para essa pesquisa utilizamos autores como Barros (2002) que aborda métodos que facilitam a aprendizagem, como o jogo. Também Carvalho (2003), Rodhe e Benzick (1999) e Rodhe e Mattos (2003), que nos ajudaram a concluir ser de extrema importância que os professores se dediquem e se aprofundem nas metodologias constantemente, para melhorar a aprendizagem dos alunos hiperativos. É uma atuação incrível dos professores, sempre destacando que a integração e inclusão devem andar juntas, uma completando a outra, para que o aluno não se sinta rejeitado.

Por fim, concluímos que o professor deve estudar e entender o transtorno e por meio dessas informações elaborar seu plano de aula, pois isso é essencial para o sucesso escolar de cada aluno portador de TDAH. Assim o processo de ensino-aprendizagem e avaliações diferenciadas são capazes de atingir significativamente os alunos.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Juliana Monteiro Gramatico. **Jogo infantil e hiperatividade**. Rio de Janeiro: Sprint, 2002.
- BENCZIK, Edyleine Belline Peroni. **Transtorno de déficit de Atenção/ Hiperatividade**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional comum curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>> Acesso em: 20 março 2020.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Educação Básica**. Pioneira: Rio de Janeiro, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=buscageral&Itemid=30188¶ms%5Bsearch_relevance%5D=ensino%2C+fundamnetal¶ms%5Bde%5D=¶ms%5Bate%5D=¶ms%5Bcatid%5D=211¶ms%5Bsearch_method%5D=all¶ms%5Bord%5D=pr> Acesso em: 20 maio 2019.
- CAMARGO, Walter Jr. HOUNIER, Ana G. **Manual Clínico do Transtorno de Déficit e Atenção/ Hiperatividade**. São Paulo: Editora Info Ltda, 2005.
- CAMPOS, Thaís Emília. OLIVEIRA, Anna Augusta Sampaio. **Avaliação em Educação Especial: o ponto de vista do professor de alunos com deficiência**. Unesp, Marília, 2005.
- CARVALHO, A. M.; ALVES, M. M. F.; GOMES, P.L. D. Brincar e educação: concepções e possibilidades. **Psicologia em estudo**. Maringá, vol.10, n.2, p.217-226, mai./ago. 2005.
- CORDEIRO, Suzi Maria Nunes. **As representações sociais dos professores do ensino fundamental sobre TDAH e medicalização**. 2016. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2016.
- FACION, José Raimundo. **Transtornos do desenvolvimento e do comportamento**. 3. ed. Curitiba: Ibplex, 2007.
- FREITAS, Luiz Carlos de. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática**. 11ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- SACHELLI, G. S. RANDO, D. R. Elementos da gamificação aplicados a objetos de aprendizagem para treinamento de crianças com TDAH. *In*: ANDRADE, Darly Fernando. **Série Educar: Educação Especial e Inclusiva**. Belo Horizonte: Poisson, 2020.p. 81-91.
- SHAFFER, David; CASTEALLANOS, F. XAVIER. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Tradução de Maria Inês Corrêa Nascimento. 5.ed. Porto Alegre: Artmed, p. 59- 63, 2014.

MATTOS, Mauro Gomes de; NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física Infantil: construindo o movimento na escola**. 3.ed. São Paulo: Phortes, 2000.

MELLER, Anne Kay Lentz. **As implicações do transtorno do déficit de atenção/hiperatividade - TDAH na vida acadêmica, familiar e social da criança**. 55 f. Monografia (Especialização em Didática e Metodologia do Ensino Superior) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2003.

MOURÃO, Luciana. ESTEVES, Vera Vergara. **Ensino Fundamental: das competências para ensinar às competências para aprender**. Ensaio: avaliação das políticas públicas envolvidas na educação, Rio de Janeiro, v.21, n.80, p. 497-512, jul./set. 2013.

MITTLER, Peter. **Educação inclusiva: contextos sociais**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

OLDONI, Marilde; WATZLAWICK, Jaqueline Aparecida de Arruda. **Algumas Possibilidades de Flexibilização Curricular no Ensino Comum**. Itapejara D'Oeste: PDE, 2014.

PNAD. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio apud IBGE. **Educação 2017**. Brasil, 2017. Disponível em:
<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101576_informativo.pdf/> Acesso em: 06 de março 2020.

ROHDE, Luís Augusto P. e BENCZIK, Edyleine B. P. **Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade: o que é? Como ajudar?** Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

ROHDE, Luís Augusto P.; MATTOS, Paulo. **Princípios e práticas em TDAH**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

SILVA, Soeli Batista. DIAS, Maria Angélica Dornelles. **Revista Eventos Pedagógicos**, Mato Grosso, V.5, n. 4 (13. Ed), número regular, p. 105- 114., nov./ dez.2014

SOUSA, Ivan Vale de. **Avaliação na educação inclusiva: aproximações e distanciamentos**. Marabá-PA: UNIFESSPA, 2017.

LIMA, Vera Lucia Favini de. **Avaliação da Aprendizagem Escolar: Uma Análise Necessária**. 21 f. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018.

LOPES, Rita de Cássia Soares. **A Relação Professor Aluno e o Processo Ensino Aprendizagem**. 28 f., 2008.